2.24. Capítulo XXII

Sonnige Weltanschaung (Aus Zufallslektüre)
Visão de mundo ensolarada (por leitura casual)

Em seu empenho em detalhar como se deu a manipulação da linguagem pelo regime nazista Klemperer mostra o papel da palavra *Weltanschauung*. Inicia o capítulo explicando que um detalhe do romance „*Weg ins Freie*“ (Caminho para a Liberdade) do poeta Arthur Schniztler sobre um tema judaico que lhe passara desapercebido em 1911, quando fizera um extenso estudo sobre esse autor, se evidencia agora no verão de 1944 quando relê o livro. Relê pela simples dificuldade em obter novos livros, pois judeus não podiam freqüentar bibliotecas, nem ter livros em casa, somente livros judaicos. No caso da Gestapo encontrar algum livro de biblioteca em casa de um judeu casado com mulher não judia, seria muita sorte se tudo acabasse simplesmente em uma tremenda pancadaria, e não em „*Transport*“ definitivo para os KZ. Klemperer explica: membros do Partido considerados especialistas em livros, obviamente livros redigidos em 'LTI', não os roubavam, somente punham-nos a “salvo” das outras pessoas. Os livros que havia entre os judeus eram „*geerbt*“ (herdados), já que seus primeiros donos tinham desaparecido de repente, „transportados“ para Auschwitz ou Theresienstadt. Klemperer comenta que todos eles nos „*Judenhäuser*“ sentiam o suplício de também poderem vir a ser buscados a qualquer momento. E comenta o pavor de seus medos noturnos.

Nessa releitura apercebe-se que o cunho filosófico do termo *Weltanschauung,* que antes lhe passara desapercebido, agredia o cerne do nazismo, já que filosofar é um atributo da razão e do pensamento lógico. O nazismo necessitava que esse termo desaparecesse, e consegue invertê-lo para o sentido oposto. É óbvio que a preocupação da LTI não era germanizar a palavra estrangeira filosofia e sim aproveitar o que fosse possível das outras línguas que fosse de utilidade para o nazismo, subvertendo o sentido do conceito de “filosofia”. A *Weltanschauung* de Schnitzler seria uma visão de mundo de acordo com um dos aspectos do espírito judaico, sem misticismo, nem ilusões, que captava a realidade nua e crua, permitindo-se questionamentos, gerando a dialética. Seria a indignação, verdadeira inveja de Heinrich, personagem central de „*Weg ins Freie*“ contra as pessoas que conseguiam tornar a *Weltanschauung* um dogma, opondo-se já ao que os nazistas tinham em mente, como uma linha mestra que ajudava as pessoas a se libertarem de suas dúvidas. Na virada do século o termo não era conhecido do público e

tinha uma conotação modernosa. No contexto de „*Weg ins Freie*“ *Weltanschauung* tinha sido definida como

„logischerweise der Wille und die Fähigkeit, die Welt wirklich zu sehen, d.h. anzuschauen, ohne durch eine vorgefasste Meinung beirrt zu sein, ohne den Drang, aus einer Erfahrung gleich ein neues Gesetz abzuleiten oder sie in ein bestehendes einzufügen“[1]*. „... Aber den Leuten ist Weltanschauung nichts als eine höhere Art von Gesinnungstüchtigkeit - Gesinnungstüchtigkeit innerhalb des Unendlichen sozusagen“*[2]*.*

O uso desordenado de *Weltanschauung* (considerando o termo em seu sentido “sem lógica”) foi preconizado justamente pela oposição incipiente contra o conceito de „*Dekadenz*“, Impressionismo, ceticismo e contra a idéia de um eu responsável. Talvez essa fosse a causa de Klemperer não ter-se dado conta do conceito em sua primeira leitura e como teria se dado a inversão de sentido, para conseguir ser uma linha mestra da LTI. Onde estaria a

“*Gesinnungstüchtigkeit - Gesinnungstüchtigkeit innerhalb des Unendlichen sozusagen*”[3]

nazista? E responde que seria justamente porque ainda era um jargão restrito aos oposicionistas néo-românticos da virada do Século. Klemperer comenta novamente que a raiz alemã do nazismo fora o romantismo, pois:

“*Aus der gleichen Ackerkrume wächst das Unkraut und die Blume*”[4]... .

Antes do romantismo alemão estar envolvido com o teutônico, estava relacionado com o estrangeiro, e enquanto de um lado o nazismo valorizava o pensamento nacionalista, por outro valorizava também tudo que houvesse de aproveitável nas línguas estrangeiras.

Como explicação para a questão acima, pouco tempo depois da leitura de Schnitzler, Klemperer encontrou uma frase nos diários de Goebbels[5] de 27 de fevereiro de 1933, em que a palavra *Schau* já era empregada sem qualquer conotação de interioridade, nem de misticismo, mas no sentido inglês de *show,* o *Barnumshow* americano: “toda a Alemanha seria percorrida por uma grande ação propagandística para o dia de seu

[1] Desejo e capacidade de ver o mundo realmente de maneira lógica, ou seja, olhar o mundo sem deixar-se confundir por algum pensamento pré-concebido, sem deduzir novas leis, devidas a alguma experiência nova ou adaptá-la a algo existente.
[2] Mas para as pessoas *Weltanschauung* não passa de uma capacidade intelectual mais elevada rumo ao infinito. 'LTI', p. 182.
[3] Capacidade intelectual mais elevada rumo ao infinito.'LTI', p. 183.
[4] Da mesma terra brotam tanto ervas daninhas quanto flores.'LTI', p. 184.

despertar". Klemperer comenta que o "*richtig sehen*" (enxergar direito) provindo do verbo "*schauen*" (olhar) de Schnitzler tem tudo e ao mesmo tempo nada a ver com essa frase, pois se trata de um olhar dirigido, perscrutador, que traz libertação, cuja luminosidade conduziria à cegueira. Romantismo e mercadologia, Novalis e Barnum, Alemanha e América. A 'LTI' ligou as palavras *Schau* (espetáculo) e *Weltanschauung* entre si de maneira tão intrínseca, tal qual a ligação entre a mística e a pompa no culto católico. Klemperer se pergunta então qual seria o sentido de ele ter encontrado o termo *Weltanschauung* em uma frase nas normas do DAF, que devia tratar de questões trabalhistas, mas o que encontrou foi

"*Beiträgen zu einer weltanschaulichen Gemeinschaft*[6]"

Da mesma forma que fora pego de surpresa pela *Weltanschauung* de Schnitzler, Klemperer retirara um ano antes as frases, transcritas abaixo, do livro „*Memoiren einer Sozialistin*" (Memórias de uma Socialista) de Lilly Braun „herdado" não se sabe de quem, ainda com cheiro de câmara de gás de Auschwitz, *causa-mortis* insuficiência cardíaca.

"*In Münster hat Alix Religionsdisput mit einem katholischen Geistlichen: "Die Idee des Christentums? ... Mit ihr hat die katholische Kirche nichts zu tun! Und gerade das ist es, was ich an ihr liebe und bewundere ... wir sind Heiden, sind Sonnenanbeter*[7]*.. Karl der Grosse hat das rasch begriffen, und seine Missionare mit ihm. Sie hatten häufig genug selbst Sachsenblut in den Adern. Darum hatten sie an Stelle der Heilligtümer Wotans, Donars, Baldurs und Freyas die Tempel ihrer vielen Heiligen*[8]*; darum erhoben sie nicht den Gekreuzigten, sondern die Mutter Gottes, das Symbol schaffenden Lebens, auf den Thron des Himmels. Darum schmückten die Diener des Mannes, der nichts hatte, da er sein Haupt hätte hinlegen können, ihre Gewänder, ihre Altäre, ihre Kirchen mit Gold und Edelsteinen und zogen die Kunst in ihren Dienst. Vom Standpunkt Christi aus hatten ihre Wiedertäufer recht, die die Bilder zerstörten, aber die lebensstarke Natur ihrer Volksgenossen hat sie ins Unrecht gesetzt"*[9].

---

[5] "*Vom Kaiserhof zur Reichskanzelei*" (Da Corte Real à Chancelaria do Reich).

[6] Contribuições para uma comunidade de trabalhadores com *Weltanschauung*. 'LTI', p. 62.

[7] *Alix* discutia em Münster com um católico: 'A idéia do cristianismo? Ora, o catolicismo não tem nada a ver com essa idéia! E é justamente isso que admiro no catolicismo, nós somos pagãos, adoramos o sol... 'LTI', p.186.

[8] Carlos Magno e seus missionários perceberam logo isso. Eles sabiam o que é ter sangue saxão nas veias. É por isso que seus templos eram erigidos para seus muitos santos, ao invés de serem somente para *Wotan, Donar, Baldur* e *Freya*. 'LTI', p.186.

[9] É por isso que ao invés de entronizarem o crucificado, a escolhida tinha sido a mãe de Deus, símbolo de fertilidade. É por isso que os servos do homem, aquele que nada possui, enfeitavam sua roupagem, seus altares, suas igrejas com ouro e pedras preciosas e faziam uso da arte em seus cultos. Do ponto de vista de Cristo, os anabatistas tinham feito bem em destruir as imagens dos santos, mas a natureza forte de seus compatriotas fora injusta com eles".'LTI', p.186.

Conceitos como um Cristo loiro, a afirmação de que o catolicismo se encontrava dominado pelo germanismo, estar de bem com a vida, o culto ao sol, além do sangue saxão e da natureza forte dos germanos podiam muito bem constar do "Mito" de Rosenberg. E não era de se desprezar que a cor marrom oferecia uma base mais sólida para o nazismo, pois não era nem totalmente nazista, sequer mal vista intelectualmente e sequer pelo mundo judaico. Servia melhor como símbolo germânico do que a cruz gamada e a adoração ao sol. *Sonnig* (ensolarado) era um termo que vinha sendo muito utilizado nos anúncios fúnebres daquela época[10] e Klemperer estava seguro que provinha dos antigos cultos germânicos, bem como o termo "*blonder Heiland*„ (salvador loiro).

Todos esses fatos provavam que não havia tanto nazismo nessas questões, até que o autor se depara com veneno nazista autêntico, que o reconduz ao termo *Weltanschauung*. Uma colega de fábrica, pessoa simples, estava lendo um libreto da coleção pueril da série "*Soldaten-Kameraden*" de Wilhelm Pleyer, pequeno *Pg,* distribuído fartamente pelo Hitler-Verlag Franz Eher: „*Der Gurkenbaum*" (Árvore de Pepino), que entre outras continha a história de uma menininha, lindinha, lourinha, alegria dos pais, *Wiwiputzi*. Só que seu loiro ensolarado não se enquadrava no termo "*ersonnen*" (ensolarar), mas sim em "*ersonnt*", cuja conotação lembraria *sonny boy* do filme americano da moda, ou melhor, *Söhnchen* (filhinho). Uma mescla entre o sol adorado pelos germanos e o filho de Deus. Klemperer comenta que o termo nazista *sonnig* consegue infiltrar-se na mente da população por meio desse filme. Comenta também que a confirmação da preferência pela história da *Wiwiputzi* por parte da colega fora verdadeira *vox populi.* Havia uma ligação estreita entre a ensolarada *Wiwiputzi* e os raios de sol, perfeita conotação com *sonny boy* ou *Söhnchen.* O próprio Pleyer questiona aonde a mãe teria encontrado esse nome? Seria pelo som dos três i , ou porque o nome *Wiw,* pronunciado vif em alemão, significa vivo, em francês. Dessa forma, para Klemperer a contribuição da colega ajudou sua compreensão da inversão do termo *Weltanschauung.* Foi uma mescla entre os adoradores do sol, o culto ao germanismo, ao salvador loiro, o olhar místico, a revelação religiosa.

[10] Cf. apresentado no Capítulo XIX.

2.25. Capítulo XXIII

Wenn zwei das selbe tun...
Quando dois fazem o mesmo...

A função deste capítulo é mostrar que regimes que em 1946 eram antagônicos, como o nazista e o soviético, fizeram-se valer do mesmo método do emprego de metáforas mecanicistas para transmitir mensagens com sentidos opostos. Enquanto o regime nazista visa a dominar a mente dos cidadãos alemães, o soviético quer proporcionar liberdade a seus cidadãos. Desta forma, quando no pós-guerra Klemperer ouve a declaração de uma policial do campo de concentração *Belsen*, diante do tribunal de guerra, que 'em determinado dia tivera de haver-se com dezesseis "*Stück*"[1] de prisioneiras' faz com que se lembre do exato momento que em 1912 a palavra *Menschenmaterial*[2]deixa seu orientador de livre-docência Karl Vossler indignado que um termo tão sórdido fosse usado para falar do ser humano. Vossler, apresentado na introdução desta dissertação, é um dos inovadores da visão sociológica na busca do significado das palavras. Naquela época Klemperer não sentira tanta indignação. Mas agora em 1946, ao escrever a 'LTI', sente a crueldade dessa policial pelo emprego desse termo. Após a Primeira Guerra Mundial Klemperer sentiu-se constrangido ao notar o cinismo e a semelhança entre *Menschenmaterial* e *Kanonenfutter*[3], mas nesses dois casos tratava-se de jargão profissional, ao passo que "*Stück*" revelava uma *Versachlichung* (tratar o ser humano como coisa), como *Verarbeitung tierischer Kadaver*)[4] e *Dünger aus KZ-Toten*[5], equiparação de cadáveres humanos aos dos animais.

Essa *Versachlichung* passa a ser empregada nos relatórios militares a partir de 1944, quando o número de adeptos nas fileiras da resistência francesa cresce e os nazistas passam a chamá-los de *Banden*, como aqueles que não merecem perdão. A LTI empregava as seguintes expressões: „*niedermachen*"[6] que denotava o ódio dos nazistas contra os inimigos, que até aqui ainda eram concebido como pessoas. Depois, passa para „*liquidieren*[7]", jargão de negócios despersonalizando o ser humano: *so werden sie*

[1]Peças, no lugar de pessoas. 'LTI', p.189. Consta do glossário em anexo.
[2] Material humano. 'LTI', p.189. Consta do glossário em anexo.
[3] Bucha de canhão.'LTI', p.190.
[4] Reaproveitamento ou beneficiamento de cadáveres animais 'LTI', p.190. Consta do glossário em anexo.
[5]Aproveitamento de cadáveres humanos para esterco. 'LTI', p.190.
[6] Massacrar, assassinar. 'LTI', p.191.Consta do glossário em anexo.
[7] 'LTI', p.191.Consta do glossário em anexo.

eben „erledigt“ (eles vão sendo eliminados dessa forma). Já na linguagem específica dos campos de concentração constava:

eine Gruppe „wurde der Endlösung zugeführt[8]“

por meio de fuzilamento ou asfixia nas câmaras de gás. Para Klemperer esses termos não eram LTI. A LTI era para os seres humanos, categoria da qual os judeus estavam excluídos. Eles eram *Untermenschen* (subumanos). Em suas veias não corria sangue nórdico.

Apesar deste ‘à vontade’ do nazismo em empregar termos mecanicistas para pessoas e de fazê-las sentirem-se autômatos do regime, Klemperer constata que havia a preocupação em valorizar a personalidade dos *Pgs* e apresenta dois exemplos dessa apreciação. No primeiro, o emprego de „*Männer*“[9] na linguagem militar, até mesmo em um sentido carinhoso, em um texto onde aparece a antiga palavra “*Mannen*”, ligação bipolarizada da LTI com termos antigos. De um lado valorizava-os como se ainda vivessem sob a égide do Antigo Império Romano. Por outro, rechaçava-os como concorrentes desleais da 'LTI', pois Hitler combateu os nomes dos meses germânicos, ‘afinal não eram modernos’. O segundo exemplo foi a linguagem empregada para valorizar a personalidade dos nazistas, por meio de uma reformulação no estilo da linguagem oficial, que degenerava em mais uma situação ridícula, que eles nem percebiam. Klemperer explica. Havia a questão da proibição aos judeus de disporem de cartões para adquirir roupas e objetos. Podiam obtê-las nas *Kleider und Wirtschaftskammern*[10]. Depois somente por meio de requerimento, que transitava pelos „*Rechtskonsulenten*“[11] da congregação israelita, depois passava pelo departamento de judeus da Gestapo até chegar no *Polizeipräsidium* (Presidência da Polícia). Klemperer recebeu um dia um cartão impresso com os dizeres:

„Ich habe Ihnen eine gebrauchte Arbeitshose bereitgestellt. Abzuholen ... Der Polizeipräsident“[12].

[8]Um grupo de prisioneiros foi conduzido para a solução final. 'LTI', p.191.
[9] Forma carinhosa dos oficiais designarem os homens de seu batalhão. 'LTI', p.192.Consta do glossário em anexo.
[10] Câmaras de Comércio de Roupas e de Negócios. 'LTI', p.193.
[11] Consultores jurídicos. 'LTI', p.193.Consta do glossário em anexo.
[12]Pus à sua disposição uma calça de trabalho usada. Vir retirá-la. O Presidente da Polícia. 'LTI', p.193.

O próprio Presidente da Polícia dirigindo-se a ele na primeira pessoa do singular, informando que ele, presidente, conseguira uma calça usada para o judeu Klemperer. Essa linguagem dava a conotação de importância ao *Polizeipräsident*, no exercício da autoridade sobre seus comandados, fazendo-o sentir-se valorizado. Era necessário que cada pequeno *Führer* tivesse seus subalternos e que esses o obedecessem incondicionalmente. Outro termo 'LTI' empregado tanto quanto *fanatisch* foi *blindlings*[13]. Este termo foi mais uma das molas mestras do nacional-socialismo. Esperar a mesma obediência cega de seus comandados, sem sequer pensar. Pensar poderia ensejar dúvida, crítica, ou até mesmo desobediência. O nacional-socialismo não desejava diminuir a personalidade de seus comandados, muito pelo contrário, mas que obedecessem tal qual máquinas, que são acionadas por botões. A despersonalização não se dava propositalmente, mas porque a estrutura do regime dependia de comandantes e comandados. Os termos da técnica e da mecânica adentraram na LTI por meio de uma construção subliminar criada para escravizar e despersonalizar pessoas. Até 1933 raramente foram usados termos técnicos em situações não técnicas. A República de Weimar introduziu somente *verankern* – ancorar e *ankurbeln* – pôr em marcha com manivela. Os dois significavam pôr para funcionar e seu alcance ia além da tecnologia. Era comum motoristas tentando acionar o motor de seus veículos com a *Handkurbel*[14]. Essas palavras jamais tinham sido usadas para referir-se a pessoas. Klemperer ilustra com uma frase de Stefan Zweig em „*Kleine Chronik*“: „*Die Excellenz und der Dekan kurbelten ihre Verbindung kräftig an*[15]“. Klemperer retrocede no tempo e explica que ancorar poderia vir do anseio por calmaria, após a sobrevivência no mar revolto da última Revolução. Era necessário que o barco estatal lançasse âncora em um porto seguro. O passo decisivo para a inserção de termos técnicos na LTI foi o emprego de *eingestellt sein*[16] que grassava desde o início do Século XX. Mas foi por meio da filosofia que o termo migrou da área técnica para a linguagem comum. Nosso sistema de pensar estaria *eingestellt*[17]. Era de bom tom ter opinião própria a respeito de certos temas. Denotava cultura. Difícil saber se na época em que Klemperer escreveu o livro alguém se recordaria do sentido racional desse termo no início dos anos vinte. No filme

[13]Cegamente, implicando que seus seguidores sentissem a sua personalidade ser diminuída. 'LTI',p.193. Consta do glossário em anexo.
[14] Manivela, 'LTI',p.193. Todos estes termos constam do glossário em anexo.
[15] A Excelência e o Decano deram forte impulso em sua relação. 'LTI',p.195.
[16] Estar ligado, ajustado, estar imbuído de uma idéia própria a respeito de alguma coisa. 'LTI', p.196.
[17] Enquadrado, ligado. 'LTI',p.196. Consta do glossário em anexo.

"O Anjo Azul"[18] de Sternberg, baseado no romance de Heinrich Mann "*Professor Unrat* (lixo)", Marlene Dietrich cantava que "sua vida estava da cabeça aos pés '*eingestellt*' (voltada, ligada) para o amor", o que denotava que já se conhecia o significado do termo. Um patriota, que se assumia como poeta e que foi celebrado pelos nazistas como tal declarou em sua ingenuidade que seus sentimentos estavam "*für Deutschland eingestellt"* (pertenciam somente à Alemanha).

Durante todo o período nazista esse termo foi muito usado, mais no início dos doze anos, do que ao final, porque aos poucos as metáforas alusivas à G*leichschaltung* (uniformização das idéias, atitudes e ações) se desgastaram, passando para obviedades. Mas foi o termo que mais bem representou na 'LTI' a tendência mecanicista de automatizar o ser humano. Outras expressões referentes ao magnetismo das pessoas provinham da eletrotécnica. Talvez estivessem "em sintonia" com a natureza de um Führer, e denotavam tendência para o romantismo. Era possível ter-se lido algo nesse estilo sobre Hitler ou Mussolini. Klemperer se pergunta se o termo *neu aufgeladen* (recarregado) empregado por Goebbels, mentindo de forma patética ao visitar cidades bombardeadas às quais desejava transmitir energia, quando dizia que se sentia recarregado pela desbragada valentia dos munícipes, pertencia ao romantismo? Não. Aqui, o emprego de *neu aufgeladen* era pelo hábito de rebaixar as pessoas a uma mera aparelhagem técnica. Klemperer faz esta afirmação com segurança, porque nas demais metáforas tecnicistas o Ministro de Propaganda e seu círculo empregavam a referência a maquinaria sem qualquer alusão à energia elétrica. As pessoas eram simplesmente comparadas a motores. A energia do *Statthalter*[19] de Hamburgo seria como um motor em alta rotação. Mas a frase de Goebbels:

„*wir werden in absehbarer Zeit auf einer Reihe von Gebieten wieder zu vollen Touren aufladen*[20]"

tinha significado mais forte. Não havia mais comparação a máquinas. Era-se a própria máquina. Este *wir* nazista era a forma dominadora do discurso de Goebbels deixar seus vassalos terem uma sensação de partícipes. Abrangia toda a Alemanha, que vivia sob a mais trágica penúria e sofria grandes perdas de energia. Impossível encontrar na 'LTI' discurso mais dominador e que mais afastasse o ato de pensar do que essa forma velada de se exprimir. „*Es gibt nichts, was man nicht irgendwo hinein- oder irgendwo*

[18] Klemperer ressalta que já era sonoro.'LTI', p.196.
[19] A tradução literal é "lugar-tenente". No vocabulário da 'LTI' designava o prefeito indicado pelo poder central.'LTI', p.196.
[20] Nós, dentro em breve, estaremos recarregados de energia, em uma série de áreas.

herausschleusen kann, und natürlich – o Sprache des werdenden Vierten Reiches! – kann man alles und jedes aufziehen[21]".

E, quando se devia prezar a intrepidez dos habitantes de uma cidade bombardeada, então o *Reich* trazia como prova filológica a expressão velada da 'LTI', que se estendia do Reno à Westfália „*Es spurt schon wieder*" (entramos na linha de novo). E, por quê? Porque, segundo uma das expressões prediletas de Goebbels, a pessoa, em uma boa organização estaria „*voll ausgelastet" am Werk* (trabalhando com plena capacidade em sua produção), ou seja, era uma usurpação da linguagem técnica. Esse termo aparentava ser menos dominador do que o "motor a todo o vapor", já que na verdade se podia carregar até o limite, ou *auslasten* os ombros de um ser humano, como de um pedreiro. *Die Sprache bringt es an den Tag* (a linguagem traz à tona). Enquanto Weimar conheceu somente o termo *Ankurbeln*, dar partida na economia por meio de uma manivela, a LTI transgrediu o tecnicismo com o termo „*die gut eingespielte Lenkung"* (a direção bem engatada), que não foi somente uma expressão criada pela 'LTI', mas foi um testemunho do descaso pela personalidade aviltada, levando-se em conta a intenção de oprimir o livre pensar. Mas os nazistas afirmavam que tinham a intenção de desenvolvê-la, em oposição ao objetivo marxista da *Vermassung* (massificação), cuja valorização seria, para Klemperer, justa e trabalhada pelo bolchevismo, judaico e asiático segundo os nazistas.

Klemperer observa já no pós-guerra o empenho dos russos em refazer o sistema de ensino em Dresden, empregando uma expressão de Lênin em que "o professor é o engenheiro da alma", e se questionava: *Bringt es die Sprache wirklich an den Tag* (será que a linguagem traz mesmo à tona)? Pois também se tratava de metáfora tecnicista, chamando a alma de máquina. Os nazistas sempre propagaram que marxismo era materialismo. Que o bolchevismo superaria a doutrina socialista em materialismo, no sentido em que ele imitava de maneira falsificada os métodos industriais americanos, absorvendo seu pensamento e sentimento tecnicista. Klemperer conclui. Sob essa premissa tudo e nada são verdadeiros. Por que a Rússia procura trazer a tecnologia a seu país? Porque reduzindo a pressão do trabalho pesado, poderá oferecer ao povo uma vida de mais saber. O tecnicismo da Rússia visa a libertar o espírito do povo russo, enquanto na Alemanha a superação da técnica visou à escravidão da alma do povo alemão. Quando dois fazem o mesmo... não significa que partam da mesma intenção, Klemperer

[21] Não há nada que não consiga superar, ó língua que virá a ser do Quarto Reich!, qualquer coisa pode ser a*ufgezogen* (estimulada), em tudo pode-se dar corda.

faz questão de frisar, pois considerava necessário conhecer melhor a alma do povo russo, sobre quem o nazismo mentira tanto. “E nada melhor para conhecer a alma de um povo, que conhecer sua língua”. Enquanto a metáfora alemã do “*gleichschalten*” fomentou a escravatura da alma, o “*Ingenieur der Seele*” russo batalhou por sua libertação.

2.26 Capítulo XXIV

Café Europe - Café Europe

Identificado com o pensamento universalista de Voltaire, Klemperer sente-se indignado com o empenho dos textos de Chamberlain, Alfred Rosenberg e Goebbels em provar a todos os alemães que o sangue da população européia descendia dos povos da antiga Germânia e que o povo alemão gozava da primazia divina sobre os demais povos de ser o verdadeiro herdeiro deste sangue nórdico-germano. Havia um conceito distorcido de Europa, ponto principal no „Mito do Século XX" de Alfred Rosenberg, livro assumido por todos os teóricos do partido, da mesma forma que o conceito *„aufnorden*[1]*"* de Chamberlain, um dos principais mentores do pensamento nazista. A partir de 1943, após as perdas em Stalingrado, interessava à cúpula nazista que os alemães, até mesmo os mais cultos, não se lembrassem do malvisto conceito pacifista de uma Europa supranacional e humanista. O que a Europa nazista recebesse de ruim poderia vir somente da Síria e da Palestina. A cultura greco-cristã também seria de origem nórdica e Cristo também teria olhos azuis e cabelos loiros, desde que não criassem problemas à ética e às ciências políticas do nazismo.

Sobre esta perda do conceito de Europa supranacional universalista Klemperer cita seu próprio livro „*Moderne französische Prosa*" onde descreve o lamento desesperado dos franceses pela dilaceração do continente europeu na Primeira Guerra Mundial. Paul Valéry em seu discurso de 1922 em Zürich mostra a postura espiritual da Europa como centro de divulgação cultural do *europäischer Geist* (espírito europeu), naquela época já abstraído do conceito territorial.

Também sob o conceito de Europa, Klemperer admira a coragem, abertura de horizontes e capacidade de obter trabalho de seus colegas (demais professores), que conseguem emigrar, lamentando seu incapacidade de fazer o mesmo. Transcreve um poema de sua autoria em que critica as saudades que esses colegas sentem da Europa geográfica, pois agora Europa, sequer é um conceito. Nessa parte do livro Klemperer se percebe ainda pouco envolvido com o mundo judaico, tal qual seu sobrinho Walter Klemperer, que lhe escreve da então Palestina, em 1935:

---

[1] *Aufnorden.* Duden Universal, 1996. S.161. De acordo com a teoria racial nazista, a"raça nórdica" era considerada a de maior valor. 'LTI', p.204. Consta do glossário em anexo.

„*in Tel-Aviv sind bloss Juden unter sich und wollen bloss Juden sein. Hier, in Jerusalem, geht es europäischer zu*[2]“.

Klemperer menciona um jornal da Baviera, que se antecipa ao „*Stürmer*[3]“, e comenta as semelhanças entre esse jornal e os judeus de Tel-Aviv, preocupados em criar um agrupamento nacional. Klemperer comenta também que seu sobrinho, que nem tão culto era, demonstra uma visão de mundo mais ampla que seus colegas saudosos da Europa que já não existe mais. Oito anos depois as questões sobre a centralidade da Europa ganham destaque novamente.

Em 1938 a imprensa divulga que Hitler e o Duce trabalham na construção da nova Europa, „*Das neue Europa*“, contrapondo o

„*Heiliges Germanisches Reich Deutscher Nation*“[4]

à Europa internacionalista. O conceito de uma Europa nórdica foi utilizado de forma tão peremptória, já antes de 1939, que se faz mister considerá-lo ‘LTI’. Se até então protegia-se a Europa do bolchevismo, após as perdas militares na Rússia, que engendraram na fuga do exército alemão, Goebbels cria, em seu desespero, as expressões

Ansturm der Steppe e *Versteppung Europas*[5],

como advertência contra o perigo bolchevique, sempre anunciado pela imprensa alemã da época, inserindo os termos Europa e estepe na 'LTI'. Enquanto no conceito de Valéry Europa seria o espaço cultural representado pela tríade Jerusalém, Atenas e Roma Antiga, desvinculado do espaço físico, nos anos 1941-45 do período de Hitler, essa advertência de Goebbels deixa de ser uma abstração, e passa a ser uma realidade. É certo que havia a tentativa de proteger as idéias do *Abendland* (Ocidente)[6] contra a Ásia. Mas existia o temor de que as idéias do europeísmo nórdico-germano fossem propagadas de maneira renovada, como se fizera no início do nazismo. Ao mesmo

[2] Em Tel-Aviv há somente judeus que convivem entre si e que querem permanecer judeus. Aqui em Jerusalém reina um espírito mais europeu.'LTI', p.203.
[3] Folhetim nazista totalmente voltado contra o judeu. Esta dissertação apresenta a cópia de um de seus exemplares. Traduzido literalmente significa “O Atacante”.'LTI', p.204.
[4] Santo Império Germânico da Nação Alemã. 'LTI', p.205.
[5] Assalto da estepe e a Europa tornando-se uma verdadeira estepe.
[6] 'LTI', p.206. Consta do glossário em anexo.

tempo não se desperdiçava agora uma linha sequer, ou seja, não se alterava nada na abstração territorial de Valéry, mais fiel à Europa, pois para Klemperer os conceitos deste autor, estritamente latino, eram limitados. E, após a implantação do marxismo, que se transforma em marxismo-leninismo, do "*Romain Russe*" de Vogues, lançado já em 1866, afora a influência de Tolstói e Dostoiewski sobre os europeus, a centralidade da cultura européia é transferida gradativamente para Moscou. Klemperer conclui que a Europa do dia-a-dia, no conceito da 'LTI', estaria limitada pela Rússia, de um lado, e pela Inglaterra, de outro. No início da Segunda Guerra empregava-se um termo anterior, que já constava no *Tancred* de Disraëli,

„*England ist keine Insel mehr" (Inglaterra deixou de ser uma ilha).*

No delírio inicial da vitória sobre a Polônia e a França pensava-se que seria fácil aterrissar na Inglaterra. Entretanto, essa esperança fracassa, como mencionado no Capítulo XX. Ocorre a reversão, com ameaça ao eixo, usando-se então palavras de ordem, como:

„*blockadefeste*" e „*autarke Europa*[7]".

Termo lexical e conceptual da LTI foi

„*Festung Europa*[8]".

No início de 1943 surgiu o livro de Max Clauss „*Tatsache Europa"* (o fato Europa) reconhecido publicamente. Tratava da verdadeira área de circunscrição da Europa,

„*das neue Europa, das heute marschiert*[9]".

Essa obra colocava a Inglaterra como inimiga mais poderosa do que a Rússia. Fazia troça de outro livro surgido em 1923 „*Pan-Europa*" de Coudenhove-Kalergi, que considerava a Inglaterra potência européia e a Rússia soviética um perigo para a democracia européia. A inimizade pela Rússia fez Max Clauss identificar-se com

[7]Europa resistente a um bloqueio e Europa autárquica.
[8] Europa fortificada. Durante a fase de construção da atual União Européia , falou-se no perigo de uma *Festung Europa,* em termos de protecionismo econômico.'LTI', p.207.
[9] A nova Europa, que hoje marcha.

Coudenhove-Kalergi. Quanto ao mais, Clauss outorgava à Alemanha o poder de organização continental, para torná-la „*blockadefest*“ (resistente a um bloqueio). Clauss trouxe um novo termo para a LTI nessa fase tardia:

„*Ordnungsmacht*“. *Deutschland, die "Ordnungsmacht" verteidigt die „Festung Europa*[10]“.

No início de 1944 Goebbels escreve:

„*Die Völker Europas müssten uns auf den Knien danken, dass wir zu ihrem Schutz kämpfen, sie verdienen es vielleicht gar nicht*[11]“. Há uma exposição em Salzburg: „*Deutsche Künstler und die SS. Vom Stosstrupp der Bewegung zur Kampftruppe für Europa*[12]“.

Klemperer termina esse capítulo lembrando a ode „*Tod und Leben*“ de Wilfried Bade, em 1943, poeta do qual nunca mais se ouviu falar, mas que sempre o sensibilizou, e comenta que a situação do momento seria como Deus travestido do touro da mitologia grega que seduz a figura Europa:

„ *...Du bist in einem / Mutter, Geliebte und Tochter auch / im grossen Geheimnis, / das kaum zu ahnen. „.. Im Glanze jedoch / der Schwerter ist alles einfach, und nichts / ist noch Rätsel*[13] *...*

Klemperer finaliza o capítulo, externando que o sentimento de Moscou a respeito da Europa é de que ela seria de todos, no mais puro pensamento europeu. O autor menciona ainda a opinião do sobrinho em Israel, seis anos depois, em que novamente cita os judeus nacionalistas:

"*..., aber du kannst dir nicht vorstellen, was unsere Nationalisten hier anrichten. Bin ich deshalb aus Hitlerdeutschland geflohen?*[14]"

Cabe salientar que recentemente foi publicada uma matéria Robert Darnton no Caderno mais! da Folha de S. Paulo em que ele discute o conceito da unidade da Europa de maneira semelhante à de Klemperer, neste capítulo.

O pensamento de Klemperer sobre Israel será explicitado no capítulo judaico.

---

[10] "Potência de organização". Alemanha, a potência de organização defende a "Europa fortificada".'LTI', p.208.

[11] Os povos da Europa deveriam agradecer-nos de joelhos pelo fato de estarmos lutando por sua defesa. Talvez eles não mereçam. 'LTI', p.209.

[12] Duden Universal, 1996, S. 1477. Pequena grupo de combate bem aparelhado para a execução de serviços especiais (força-tarefa). 'LTI', p.209.

[13] Bem em segredo você é três em um: mãe, filha e amante / Entretanto, sob o brilho das espadas tudo fica simples, e nada ainda é um enigma. 'LTI', p.209.

[14] ..., mas você não pode imaginar o que os nacionalistas estão aprontando aqui. Foi para isso que fugi da Alemanha nazista*?* 'LTI', p. 210.

2.27. Capítulo XXV

Der Stern
A estrela

Esse capítulo é um divisor de águas no conteúdo da 'LTI'. A partir desse texto o autor não esconde seu arrependimento por não ter emigrado da Alemanha. Para Klemperer e para todos os demais sobreviventes a quem ele tivesse perguntado, o pior dia dos doze anos do inferno nazista foi o 19 de setembro de 1941, quando os judeus sofreram a imposição do uso da estrela de David de forma visível sobre a roupa. Era desenhada em um trapo amarelo, que remetia à cor que designava os judeus na Idade Média, com a insígnia *Jude* (judeu). As pessoas que não a mantiveram visível sobre a roupa foram enviadas para as câmaras de gás de Auschwitz, e para Ravensburg[1] se por qualquer casualidade tivesse ficado sob a lapela do paletó. O ultraje da estrela foi imposto aos judeus como represália pelas derrotas militares que o exército russo infligiu ao exército nazista, que incriminou o judaísmo bolchevique por suas perdas. Klemperer faz um relato das piores vergonhas sofridas, como por exemplo ser apontado na rua para uma criança como:

„Sieh dir den an, der ist an allem schuld![2]“ *„Lebst du immer noch, du verdammtes Schwein? Totfahren sollte man dich, über dein Bauch!*[3] “

Ou também em forma de brincadeira sonsa como a do oficial da SS*:*

*„Lauf doch zu Fuss, ist dir viel gesünde*r![4]“

Tomar bonde, somente para distâncias acima de seis km e somente para ir à fábrica. Permanecer no bonde, somente quando o compartimento dianteiro estivesse absolutamente separado do principal, pois o judeu tinha de estar isolado do restante da sociedade. A estrela amarela foi um elemento poderoso para os nazistas excluírem os judeus de seu convívio. Apesar das frases citadas, Klemperer não esquece de mencionar as palavras de solidariedade de alguns poucos, que para tal até mesmo corriam risco de vida. Para

[1] Campo de concentração feminino, próximo à Berlim.
[2] Vês este homem? Ele é culpado de tudo! 'LTI', p.212.
[3] Você ainda está vivo, seu porco desgraçado? Eu deveria passar com o carro por cima da tua barriga e te matar...'LTI', p.213.
[4] Vá a pé, é bem melhor para você!'LTI',p.212.

descrever a profundidade de sua dor como um ser rotulado, Klemperer repete um verso do poeta e filósofo português Uriel da Costa[5], que o acompanhou durante os piores momentos de sua vida, especialmente quando de suas experiências anti-semitas, e em especial a partir daquele 19 de setembro de 1941. O verso dizia:

„Ins Allgemeine möcht'ich gerne tauchen und mit dem grossen Strom des Lebens gehn![6]",

pois o filósofo, precursor do racionalismo, fora vilmente perseguido pela Inquisição, suicidando após ter deixado vasta obra, que Klemperer muito prezava. Nesse ponto Klemperer lembra-se de como sua mãe lhe contara que lera a moderníssima obra, então proibida de Gutzkow, "*Ritter vom Geist*[7]", pautada no legado de Da Costa. Essa ousadia da mãe remete-nos também à cena quando ela sabendo que o marido fora contratado pela sinagoga reformista de Berlim, cata Klemperer pela mão, que ainda tinha nove anos, correm ao açougue não *casher*[8] e vão comer "frios" em casa como 'todo mundo'[9]. Klemperer lera com sofreguidão os nove tomos de "*Ritter vom Geist*" para sua tese de doutorado. Explica também que o mergulho fugitivo que Da Costa pretendia dar no

[5] Uriel Acosta, na verdade Gabriel da Costa, filósofo da religião, Porto 1585 (?) - 1640 Amsterdam. Precursor do racionalismo, antecessor de Spinoza. Era marrano, refugiou-se em Amsterdam para retornar ao judaísmo. Em Amsterdam impuseram-lhe multas, autos de fé e açoitamento físico por ter elaborado uma crítica à tradição judaica e pela recusa em crer em imortalidade. Suas atividades eram interrompidas por retratação a seus erros, mas conduziram a sua excomunhão pelos rabinos de Hamburgo e Veneza. Da Costa encerrou sua biografia *Humanae Vitae* pouco antes de seu suicídio. Sua vida serviu como fonte de inspiração para diversas obras literárias, dentre elas o drama de Karl Gutzkow "*Ritter vom Geist*"- cf. C. Gebhardt em "*Die Schriften des A*". 1922. – *Das Jüdische Lexikon – Bertelman Verlag*. NY, 1967.

[6] Campo de concentração feminino, próximo à Berlim.

[6] Vês este homem? Ele é culpado de tudo! 'LTI', p.212.

[6] Você ainda está vivo, seu porco desgraçado? Eu deveria passar com o carro por cima da tua barriga e te matar...'LTI', p.213.

[6] Vá a pé, é bem melhor para você!'LTI',p.212.

[6] Uriel Acosta, na verdade Gabriel da Costa, filósofo da religião, Porto 1585 (?) - 1640 Amsterdam. Precursor do racionalismo, antecessor de Spinoza. Era marrano, refugiou-se em Amsterdam para retornar ao judaísmo. Em Amsterdam impuseram-lhe multas, autos de fé e açoitamento físico por ter elaborado uma crítica à tradição judaica e pela recusa em crer em imortalidade. Suas atividades eram interrompidas por retratação a seus erros, mas conduziram a sua excomunhão pelos rabinos de Hamburgo e Veneza. Da Costa encerrou sua biografia *Humanae Vitae* pouco antes de seu suicídio. Sua vida serviu como fonte de inspiração para diversas obras literárias, dentre elas o drama de Karl Gutzkow "*Ritter vom Geist*"- cf. C. Gebhardt em "*Die Schriften* [6] Ah! se eu conseguisse mergulhar no Universo e ser carregado pela correnteza da vida! 'LTI', p.213.

[7] Cavaleiros do Espírito. 'LTI',p.213.

[8] Carne impura, não preparada de acordo com os ditames da ortodoxia judaica.

[9]Cf. relatado em "Curriculum I" .

Universo fazia parte de seu cotidiano no nazismo, relatando as agruras de um usuário da estrela amarela ao sair de casa e se expor aos percalços do convívio humano.

Klemperer conta que o uso da estrela faz com que cada judeu carregue seu próprio gueto consigo. Aos poucos, com a imposição da estrela amarela, termos da ''LTI'' como

„Dies Haus ist judenrein", „rein arisches Geschäft", „Judengeschäft!", „arisiertes Unternehmen", „arisieren[10]*"*

perdem sua razão de existir, pois a estrela delimita o espaço ariano. No caso de um judeu ser casado com uma ariana, ao lado de seu nome, na porta da moradia é obrigatório constar „ariana". Tornou-se então comum encontrar papéis pregados nas portas, onde se lê que ali fora a residência do judeu fulano de tal, acrescido de importante expressão da 'LTI':

„*Adressat abgewandert*[11]*"*.

Klemperer sente o peso de palavras importantes da 'LTI' a partir da imposição da estrela amarela, tais como:

„arisch, nichtarisch, Nürnberger Gesetze zur Reinigung des deutschen Blutes, Volljuden, Halbjuden, Mischlinge ersten Grades, Judenstämmlinge, Privilegierte[12]*".*

Klemperer se pergunta se os nazistas conseguiram perceber o impacto negativo que a instituição diabólica dos *Privilegierte* suscita entre os próprios judeus, sendo que posteriormente até os próprios *Privilegierten,* não obrigados a portar a estrela amarela, nem morar em *Judenhäuser* também acabam nas câmaras de gás. O autor supõe que essa situação tenha sido criada para proteger alguns nazistas, caso sejam casados com alguém de sangue judeu, cujas crianças tenham sido

„*deutsch erzogen*"[13],

[10] O termo *judenrein* era uma expressão nacional-socialista empregada em bairros, cidades e aldeias em que a política nazista de extermínio dos judeus tivesse se concretizado 100%. No texto de Klemperer as expressões significam "Esta casa é *judenrein*", "Empresa puramente ariana", "Loja de judeus", "Empreendimento arianizado", "arianizar".'LTI', p.214.
[11] Destinatário partiu. 'LTI', p.214. Consta do glossário em anexo.
[12] Ariano, não ariano, Leis raciais de *Nürnberg* para purificação do sangue alemão, 100% judeu, meio judeu, filho de casamento misto de 1º grau, descendentes de judeus, privilegiados. 'LTI', p.214.
[13]Recebido educação alemã.

sem inserção na comunidade judaica. Quando Klemperer escreve a "LTI" a reabilitação de grupos de pessoas arrependidas de terem sido *Pg*, aderido ao regime[14] era de sua responsabilidade. Hoje, entretanto, é muito discutido em qual conceito moral o desespero de cada um daqueles judeus poderia ser enquadrado para sobreviver e o confronto interno que surgiu nos *„Judenhäuser*“, em grupinhos nas fábricas, etc. Esse questionamento ofereceu oportunidade para rever o conceito de moral até a Segunda Guerra Mundial e a partir dela. Klemperer encontra em seu diário anotações como:

„Alle bösen Eigenschaften der Leute treten hier zutage, man könnte zum Antisemiten werden![15]“

Seria tal qual aprisionamento e escravatura, citando o livro de Dwinger *„Hinter Stacheldraht”* (Atrás do arame farpado) a respeito da vida na Sibéria entre puros alemães arianos, durante a Primeira Guerra.

As duas piores palavras da ‘LTI’ foram „*Stern*“ seguida de „*Privilegiert*“.

A conotação de „*Privilegiert*“ evocava imenso ódio entre judeus, uma das armas mais contundentes que o nazismo aplicou contra eles, disseminando ódio entre irmãos. Klemperer reporta-se ao seu momento atual, trabalhando na reabilitação de judeus arrependidos, que se recordam de sua arrogância como „*Privilegierten*.“ Humor negro: orgulho do judeu, já que a estrela é o pior de tudo, resta a esperança, se bem que remota, de que ela possa servir de álibi, quando a guerra acabar. Klemperer descreve com letras carregadas o constrangimento de ter passado por tudo isso. A estrela foi uma tortura. Esquecer de usá-la foi o único crime com atestado de óbito explícito. Do campo de concentração vinha um comunicado esclarecendo que a morte fora por “insuficiência cardíaca” ou por “tiros por tentativa de fuga”. Cabe salientar, que segundo o historiador do holocausto David Bankier, o grande valor dado à obra de Klemperer é justamente sua descrição do que foi o sofrimento de cada pessoa, bem explicitado neste capítulo.

[14] "LTI" capítulo 18, p.151.
[15] Fazem-se presentes as piores características de cada ser humano, daria para nos tornarmos anti-semitas.'LTI', p.214.

2.28 Capítulo XXVI
DER JÜDISCHER KRIEG

A Guerra Judaica
São vocês, judeus, que começaram a guerra

O conteúdo deste capítulo, do anterior e dos próximos denotam o abatimento moral de Klemperer face às ações anti-semitas de que é alvo e sua percepção de como grande parte dos alemães se deixou conduzir pelo ódio visceral de Hitler contra os judeus. O caráter das colocações desses capítulos irá comprovar as várias formas como a manipulação da linguagem atingiu o povo alemão. Mesmo compilando a obra no pós-guerra, Klemperer transmite a sensação de que está relatando o momento presente. O ano é 1941. Os alemães, de maneira geral, aceitam os 'óculos sociais' (representação simbólica de estereótipos) apresentados por Hitler. Enxergam a realidade fabricada conforme as conveniências dominadoras do nazismo, "se sujeitam às regras da práxis autoritária de sua comunidade ". Acreditam que são os judeus que iniciaram a guerra que a Alemanha está travando contra eles, já que Hitler consegue convencê-los de que a guerra é *Der jüdische Krieg*.
Klemperer explica que tomou conhecimento dessa acintosa mentira na tarde em que ficou detido nos escritórios da Gestapo . Viajando de bonde um funcionário da Gestapo intimou-o sorrateiramente a acompanhá-lo ao seu escritório para ser alvo de chacota e gracejos humilhantes. Por mais que estivesse ciente de que era uma situação sem risco de Transport para campos de concentração, sempre era apavorante não saber o que encontraria pela frente. Enquanto aguarda no térreo, os transeuntes humilham-no com expressões anti-semitas como

"Häng dich doch endlich auf, Judenhund, worauf wartest du denn noch?", "Noch nicht genug Prügel bezogen? ".

Quando chamado para subir à sala do funcionário é obrigado a apresentar-se como:
"Hier ist de Jude Paul Israel Dreckvieh ".

Antes de ser liberado para voltar para casa o funcionário o advertiu que nem que fosse casado com três arianas, ao invés de uma, da próxima vez a intimação seria bem pior. (O que denota que seu casamento com uma não judia, em parte, o protegia). Quando já está de saída, com a mão na maçaneta, tem ainda de ouvir mais provocações:

"Jetzt wird zu Haus für den jüdischen Sieg gebetet, nicht? ..., ich weiss, dass du´s tust. Es ist ja euer Krieg ... Mit wem führen wir denn Krieg? " "Mit England, Frankreich und Russland, mit ... " - "Nu, hör schon auf, das ist alles Quatsch. Mit dem Juden führen wir Krieg, der jüdische Krieg ist es. Und wenn du jetzt noch einmal den Kopf schüttelst, hau'ich dir eine, dass du gleich zum Zahnarzt laufen kannst. Es ist der jüdische Krieg, der Führer hat's gesagt, und der Führer hat immer recht ... ´raus! "

Klemperer explica *"Der jüdische Krieg"* é o título de um livro do judeu Lion Feuchtwanger. Klemperer comenta que seguramente Hitler jamais soube quem foi Flavius Josephus , autor do primeiro livro com esse título, mas que, tendo se deparado com a capa do livro de Feuchtwanger em alguma vitrine, açambarcou o título "Der jüdische Krieg" para usá-lo de maneira sórdida. Uma série de termos novos foram assumidos de maneira definitiva pela "LTI" como:

England keine Insel mehr, Vermassung, Versteppung, Einmaligkeit, Untermenschentum .

A essência do veneno nazista estava nessa terminologia. Em um sentido amplo o "jüdischer Krieg" começou com a "Machtübernahme" em 30 de janeiro de 1933 e, segundo termos da 'LTI', passou por uma "Kriegserweiterung " a partir do início da Segunda Guerra Mundial em 1º de setembro de 1939. Mas na verdade já lera no capítulo "Wiener Lehr-und Leidensjahre " do "Mein Kampf " em que Hitler descreve sua "Wandlung zum Antisemiten". Dada sua falta de cultura e de ser haltlos , além de sua indignação, frustração e amargura por seus enormes insucessos, deixou-se conduzir à política pelas

mãos dos dois piores anti-semitas austríacos da época, Luëger e Schönerer . Reduziu o judeu alemão culto, sempre empenhado em ser bem aceito pela sociedade a figuras como o judeu mascate, oriundo da Galícia , o religioso típico que andava pelas ruas com seu kaftan preto ensebado, como se todo o "povo judeu" fosse simplesmente representado por esses personagens. Chamou de 'tumor cultural´ a participação judaica na vida cultural austríaca, considerando-a mais nefasta do que o "schwarzer Tod ". Klemperer cita a frase do "Mein Kampf"

"wie die Made im faulenden Leibe...findet er ein Jüdlein ".

"Jüdlein", somente no início e "schwarzer Tod" foram expressões de desprezo e pavor denotando pânico e angústia que Hitler deixa transparecer amiúde em seus discursos. É incapaz de superar sua visão inicial pueril e ingênua em relação ao judaísmo, ao nivelar-se por baixo à alienação do cidadão comum, que vive em condições precárias, incapaz de admitir pessoas diferentes . E é a partir dessa ligação que extrai sua coragem:

"Für sie ist der anders Gekleidete, der anders Sprechende nicht der andere Mensch, sondern das andere Tier aus dem Stall, mit dem es kein Einvernehmen geben kann, das man hassen und wegbeissen muss ....als Rassengefühl aber einer instinktiven Abneigung gegen den Fremden, einer blutmässigen Feindseligkeit gegen ihn, gehört das Rassenbewusstsein zur untersten Menschheitsstufe , die im selben Masse überwunden wird, als die einzelne Menschenhorde es lernt, in der Nachbarhorde nicht mehr ein andersgeartetes Tierrudel zu sehen .

O anti-semitismo de Hitler era, pois, de raiz. Encontrou sentimentos semelhantes somente junto àqueles cujo nível de primitivismo fosse igual ao seu. Para preservar esse sentimento, a fórmula foi o enaltecimento e a glorificação do ódio animal contra o judeu. O judeu saiu do seu curral, de seu estágio de "diferente" somente após a emancipação; na Alemanha, a partir de 1860. Entretanto, segundo o autor, o judeu da Galícia quer preservar suas diferenças de povo não europeizado, munindo de material aqueles que quiseram falar mal

do judeu. Klemperer cita novamente "Mein Kampf". Trechos do capítulo "Wiener Lehr-und Leidensjahre", em que Hitler fala do sionismo, em ascensão então na Áustria:
"eine grosse Bewegung, die nicht wenig umfangreich war ".
Klemperer também não era partidário do sionismo, dado seu enfoque em manter sua visão de mundo universalista. Para Klemperer o desejo do povo judeu, de voltar às origens não é muito diferente daquele da doutrina racial, de retornar às origens do antigo povo germano. Klemperer questiona: "o que o ódio ancestral do anti-semitismo nacional-socialista contra o judeu ganha com o sionismo?" A lei racial não é originária dos anti-semitas, mas é absorvida para dar consistência ao racismo visceral duradouro, enaltecê-lo e oferecer-lhe uma base científica. O judeu foi a figura central do nazismo e seu bode expiatório. Se o almejado extermínio dos judeus tivesse dado certo, Hitler teria tido de inventar outro inimigo. Sem ele, não teria conseguido valorizar o nórdico- germano. A obsessão de Hitler aparecia em suas recomendações aos propagandistas do partido.

"Mit aller Eindringlichkeit und einer ins einzelne gehenden Genauigkeit predigt Hitlers ‚Kampfbuch' die Dummheit der Masse und die Notwendigkeit, ihr diese Dummheit zu erhalten und sie von allem Nachdenken abzuschrecken ".

Klemperer satiriza como os alemães justificavam que se tratava de "guerra judaica". Desde 1933 toda oposição foi dirigida sempre contra o inimigo único, o verme, o judeu, ou Juda, até mesmo Alljuda. Os nazistas assumiram aversão contra essa guerra à qual foram "forçados" a partir de 1º de setembro de 1939. Na verdade o que muda a partir dessa data é o aumento dos ataques letais contra os judeus na Alemanha de Hitler. Mais ironia é destilada: 'nós, pacíficos nazistas, não fazemos nada além do que antes, somente nos defendemos', *"erwidern wir das Feuer des Feindes"* (revidamos o fogo inimigo), segundo o primeiro informativo de guerra. Em síntese, a essência do capítulo demonstra que o desejo de eliminar o judeu provém do *"abgrundtiefem Hass" der jüdischen Rasse gegen die nordisch-germanische* . Essa máxima vingou durante o período nazista e contra ela foi aplicada a tática de isolar aquele que sentia ódio. "A estabilidade do anti-semitismo

racial dependia da necessidade de eliminar o povo judeu" "ausrotten" (eliminar), tornou-se termo central no nazismo, mais enraizado na LTI do que o "ausradieren" (apagar) as cidades inglesas do mapa.

Klemperer explica a forma como Goebbels ensinava a reduzir o judeu a nada, como se o judeu fosse "schuldbewusst " da absoluta inferioridade à qual se empenham em reduzi-lo. A falta de segurança do judeu, que Goebbels realça provém de como o chão lhe fugiu dos pés pela impossibilidade absoluta de combater o agressor nazista. Termos da LTI que tornaram o germanismo intransponível para o judeu:

Volk der Juden, die Weltjuden, das internationale Judentum .

Os judeus foram alijados da sociedade por completo. Médicos e advogados judeus, proibidos de exercer a profissão, podiam atender somente os próprios judeus, sendo denominados de: *Krankenbehandler* e *Rechtskonsulenten* , designação que inferiorizava o grau profissional. Relações eróticas entre judeus e arianos eram chamadas de *Rassenschande* . Julius Streicher denominava a sinagoga de Nürnberg de "vergonha de Nürnberg", além de Räuberhöhle . Adjetivos que Hitler e Goebbels sempre acrescentavam ao judeu foram *gerissen* (ladino), *listig* (manhoso), *betrügerisch* (fraudulento), *feige* (covarde), bem como outros referentes ao corpo humano, tais como *plattfüssig* (que tem pés chatos), *krummnasig* (que tem nariz curvo), *wasserscheu* (que tem medo de água).

Ariana que não quisesse separar-se de seu marido judeu era *Judenhure* (prostituta judaica). E o ariano casado com uma judia era xingado de *Judenknecht* (vassalo do judeu).

Contra os intelectuais diziam *krummnasiger Intellektualismus* (intelectualismo do nariz torto). Klemperer traça um paralelo entre as semelhanças e diferenças, ou o que permaneceu ou não na 'LTI'. Apesar de sua pobreza ter perdurado, a LTI que prenunciou o fim do riso do judeu, acabou perdendo o seu próprio riso. Em 21.1.1945 Goebbels publica no "Reich" *"Die Urheber des Unglücks der Welt "* designando os russos, que estavam na fronteira leste (tomaram Auschwitz em 27.1.1945) e os aliados, na oeste de *"Söldner dieser Weltverschwörung einer parasitären Rasse "*, "por aversão à nossa cultura, que eles (judeus) consideram muito superior à sua, em sua visão de mundo de nômades. Por onde quer que você passe, sempre estará tocando em judeus. Seu sorriso já desapareceu por completo, da mesma forma que seu poder irá ruir". Klemperer menciona que a designação

inicial Jüdlein desapareceu e passaram a dizer somente Jude. A propaganda de massas do Mein Kampf e a de Goebbels foi eficaz em sua virulência anti-semita.
Klemperer transcreve como exemplo de anti-semitismo, um diálogo de pessoas com nível superior, fortes opositores do regime por serem discriminados como descendentes de lituanos, nas últimas semanas de guerra:

- "Ja, auf die Blutreinheit, auf das germanische Privileg ist nun einmal ihre ganze Lehre aufgebaut, den Anti-semitismus ..." "Mit den Juden mag er recht haben, da ist es doch wohl etwas anders ". -"Kennen Sie persönlich... " "Nein, ich bin ihnen immer aus dem Weg gegangen, sie sind unheimlich. Man hört und liest so vieles über sie ".

Klemperer se questionava como essa jovem, no início de seus vinte anos, poderia ter tanta convicção de seus preconceitos anti-semitas. Não há como negar que Hitler e Goebbels conseguiram convencer grande parte da população desta idéia pérfida de que a guerra foi travada pelos judeus contra a Alemanha.

2.29 Capítulo XXVII
Die jüdische Brille
Com óculos de judeu

É certo que Goebbels não estudasse semiologia. Entretanto tanto os alemães, quanto os judeus apresentam características de quem usa 'óculos sociais'. Para os alemães é normal sentir preconceito contra os judeus. Os judeus por sua vez estão absolutamente descrentes de tudo. Klemperer percebe, que mesmo que eles não sobrevivam à guerra, já sofreram tanto que não conseguem mais acreditar que os alemães sejam os grandes perdedores e que seu fim está próximo. É o que Klemperer denomina de

Die jüdische Brille

se além de sua mulher, não tem qualquer interlocutor com quem conversar sobre o fim da guerra. É o que W. von Humboldt designa de "*das bildende Organ des Gedanken*[1]". Seria o ditado que diz que a língua organiza o pensamento, ou que somos dominados por ela. Ou como se encontra no livro citado 'a língua é a grande matriz semiótica[2]'.

Klemperer menciona que em sua profissão mantém-se sempre atento para captar as diferenças lingüísticas, cuidando para não perder sua acuidade auditiva. Expressa-se livremente, sua pronúncia está livre de dialetos e sempre é capaz de identificá-los todos. Vivendo no *Judenhaus*, interessa-se pelo cadinho de tipos humanos que vivem na casa. Registra o leque humano e lingüístico, que mais se assemelha a um caleidoscópio. Os moradores vieram de todas as classes sócio-econômicas além das variações culturais e regionais e já não são muito jovens. Há algo raro entre os judeus, até um semi-analfabeto vive lá. Esse grupo confinado no *Judenhaus* consegue tornar o convívio forçado relativamente agradável e extrair dele certo calor humano. São os portadores da estrela amarela de Dresden, prisioneiros da Gestapo, operários da fábrica, varredores de rua, etc. Tal qual no capítulo anterior, os 'óculos sociais' dão nome ao capítulo, desta vez com viés judaico. Vivendo sob pressão, em um ambiente homogêneo, Klemperer perde sua acuidade auditiva.

Como nos demais capítulos, Klemperer parte de uma questão de cunho político, ou comportamental, para apresentar a ligação do fato com a LTI. Desta forma, a questão política é a queda de Mussolini, que traz novas esperanças ao *Judenhaus* entre os mais

[1] Órgão construtor do pensamento. In Izidoro Blikstein: *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*, extraído do livro "Sobre a diversidade do potencial linguístico da humanidade", p. 40.
[2] In Izidoro Blikstein: p. 42.

otimistas. Seria Hitler o próximo na queda? O refinamento auditivo de Klemperer leva-o a perceber que o otimista retorna à sua linguagem mais sofisticada. O outro, o pessimista, retruca com o título do capítulo „*Du hast wieder mal die jüdische Brille auf der Nase"* (de novo você pôs os óculos de judeu). Mas a questão que Klemperer ressalta é aonde se encontra a linha divisória entre o "*du*" e o "*Sie*". Quando colegas de fábrica arianos chamavam-no por "*du*" (você), insurgindo-se contra a proibição da Gestapo de manter contato com judeus, quebravam o distanciamento e reconheciam que todos eram seres humanos, mesmo em condições tão diferenciadas. Klemperer sente a dose de carinho do esforço do proletário cumprimentando o catedrático perseguido. O contato com pessoas mais simples desconcertava Klemperer, pois percebia que a distância funesta entre o funcionário da fábrica e ele repousava justamente no teor da fala. Caso falasse de acordo com sua formação seria considerado *ein feiner Pinsel* (metido a bacana) pelos trabalhadores da fábrica. Já a desmoralização do "*du*" da Gestapo ofendia-o como um tapa na cara. O único termo da LTI que nivelava a todos por igual, mescla entre ordem social e linguagem do trabalhador foi a expressão „*krank geschrieben werden*[3]", que servia do mais importante ao mais simples. Para falar sobre o salário, antes a forma de expressão era 'ganho tal valor'. Agora, na 'LTI' é: levo trinta marcos por semana para casa. Já para quem recebesse mais dizia-se *eine dickere Lohntüte*[4]. Expressões de humor negro serviram de subterfúgio para disfarçar a própria situação. Os termos tinham várias graduações. Prisão e *Lager* ainda não significavam obrigatoriamente morte. Ao invés de detido, dizia-se „viajou" e ao invés de *Konzentrationslager*, dizia-se „*Konzertlager*[5]". Mas, o pior de todos os verbos era „*melden*". Significava ter de apresentar-se à Gestapo para um caminho sem retorno. As causas prediletas para a Gestapo exigir „*sich melden*" provinham de ter usado a estrela amarela de forma pouco visível, ou de ter divulgado notícias ouvidas no rádio. Palavra especial entre os judeus era *Kötzschenbroda*[6]. Notícias vagas provinham da "rádio peão", ou JMA, *Jüdische Märchenagentur*[7]. Outra palavra suja era *der Judenpabst,* que designava o funcionário da Gestapo de Dresden. Como o número de judeus decrescia, pois os jovens desapareciam na Polônia e Lituânia e os idosos em *Theresienstadt* um número pequeno de

[3]Depender do médico ter lançado autorização para faltar quando doente. 'LTI', p.234.
[4] O salário dele vem em um envelope mais polpudo. 'LTI', p.234.
[5] Campo de concerto. 'LTI', p.234.
[6] Ter ouvido ou saber de notícias do exterior. 'LTI', 235. Consta do glossário em anexo.
[7] Agência Judaica da Carochinha. 'LTI', p.235.

casas foram suficientes para abrigar os judeus remanescentes. Essa redução gera uma nova expressão: ele reside na 92, aquele na 56, que era suficiente para o carteiro entregar a correspondência nos poucos *Judenhäuser*. Esses poucos judeus ainda passaram por forte dizimação: *mehr, viel mehr als - diziemiert*[8]. Essa parte do livro seja talvez uma das mais tristes. Os judeus são escorraçados para as barracas do campo de Hellerberg, de onde poucas semanas depois foram enviados aos verdadeiros campos de extermínio. Sobraram apenas aqueles de casamentos mistos, muito enraizados na Alemanha, desvinculados de qualquer comunidade judaica, os dissidentes ou 'cristãos não arianos', que não preservaram qualquer tradição judaica. O termo 'cristãos não arianos' desapareceu antes da guerra acabar.

Os judeus de Dresden sentiam certo saudosismo contando piadas do tempo de sua juventude, no intervalo na fábrica. Era uma fuga do cotidiano, em que tentavam combater a depressão. Grünebaum, colega de fábrica e *Obmann*[9], era o melhor contador de piadas judaicas, como aquela do *Schnorrer*[10] de Krotoschin, que não pôde ser admitido no cargo porque não conhecia a escrita alemã, mas conseguiu tornar-se conselheiro comercial em Berlim. Essas piada foi seu canto do cisne, pois no dia seguinte não compareceu ao trabalho. Soube-se depois que ele "*ist geholt worden*" (foi buscado) pela Gestapo e três meses mais tarde Auschwitz envia sua urna funerária. Seu enterro foi dos mais concorridos. Durante o séquito os colegas comentavam a falta que sentiam de suas piadas. Há ligeiras nuanças na LTI entre *holen* e *sich melden*. *Sich melden* (apresentar-se) reservava uma ligação secreta entre judeus e a Gestapo, pois o judeu era obrigado a apresentar-se, enquanto *geholt werden* era mais abrangente. Abarcava judeus, cristãos e até mesmo arianos. A partir de 1º de setembro de 1939, quando a Alemanha dá início à guerra, começa a ser usada a expressão *geholt werden,* que significa ser buscado na calada da noite, sem que os outros fiquem sabendo, para ser levado para a prisão ou caserna. A Alemanha assume papel de vítima da guerra e parte de seus quadros militares é composta do pessoal que foi *geholt*. Outra característica judaica na vida desses poucos judeus de Dresden é ir aos enterros de seus próprios companheiros de infortúnio. Somente nos meses finais da guerra, quando o assassinato por gaseificação passou a ser muito intenso, foi que as urnas

[8] 'LTI', p.235.
[9] Capataz. 'LTI', p.236.
[10] Pedinte. 'LTI', p.236.

deixaram de retornar. Mas, sempre havia dois ou três para enterrar, e esse encontro de todos no cemitério aos domingos tornava-se quase prazeroso, todos se revendo e tomando conhecimento das coisas. Havia uma pessoa designada para oficiar o enterro "judaico", que dizia uma série de frases prontas. Sua homenagem ao morto era como se tudo não passasse de morte natural. O "*kadish*[11]" era acompanhado por aqueles poucos que desejassem fazê-lo. Klemperer perguntou ao que oficiava o significado do texto[12], ao que o outro retruca lembrar-se exclusivamente da melodia, que aprendera havia tanto tempo, estava desligado de tudo. O enterro de Grünbaum foi bastante concorrido. Um colega se aproximou de Klemperer para relembrar a última piada, a do "*Schammes*[13] de Krotoschin". Klemperer comenta: se a intenção da doutrina racial nazista tinha sido valorizar o norte da Europa, o que aconteceu foi o inverso. O resultado foi os judeus reassumirem sua condição judaica. Passam a encarar tudo pela ótica judaica. No início, bastante rósea, "*es ist nicht halb so schlimm*![14]". E, somente quando o fim já era evidente, é que eles passaram a temer Hitler ainda mais, quando sua posição de perdedor era óbvia. É o que Klemperer denominou „*Die jüdische Brille"*. Justamente, já no início de 1945, Eva Klemperer ouve em casa de amigos arianos a rádio de Londres. Thomas Mann fazia um discurso memorável, dada sua absoluta certeza da vitória aliada, trazendo novo alento para o casal Klemperer. Tentando, portanto, retransmitir esse alento aos companheiros, recebe a resposta: *"behalten Sie das für sich, ich mag nicht ins KZ",* ou, *"und wenn die Russen vor Berlin stünden, der Krieg dauert noch Jahre, alles andere ist hysterischer Optimismus*!"(fique com suas idéias para si, não quero ser levada para o campo de concentração). Em sua mais profunda depressão, os companheiros do *Judenhaus* não percebiam que os aliados tinham vencido a guerra. Diziam a Klemperer *"zerbrechen Sie endlich Ihre alte jüdische Brille*" (veja se você quebra esses seus óculos de judeu), justamente ele tão desenraizado das questões judaicas. Poucos dias depois Dresden sofre o grande bombardeio, torna-se um monte de escombros e do Judenhaus em que viviam somente o casal Klemperer sobreviveu, por milagre, e Hitler, felizmente, também logo mais não existia. Sabe-se que nesse dia, cem judeus ainda seriam enviados a campos de extermínio.

[11] Cântico fúnebre judaico. 'LTI',p.237.
[12] Estranho para um filho de rabino
[13] Responsável pela sinagoga. 'LTI',p. 238
[14] Não é tão grave assim. 'LTI', p. 238.

2.30 Capítulo XXVIII
Die Sprache Des Siegers
A linguagem do vencedor

Klemperer dominava de tal forma a língua, que mesmo fazendo uma denúncia contra a forma com que os próprios judeus empregavam a linguagem nazista consegue explicar com graça literária, como uma germanista judia, que para não ter de entregar à Gestapo seus livros de Goethe e Schiller, por exemplo, adicionava às iniciais desses autores nomes judaicos, tornando os livros passíveis de pertencerem a uma família judia, dentro das normas impostas pelo regime[1]. Klemperer fez essa denúncia porque judeus, apesar de viverem sob a barbárie do nacional-socialismo, empregavam o linguajar nazista (óbvio que desapercebidamente), o que lhe desagrada muito. Para ele é como um tapa na cara o fato da germanista judia, efetivamente preocupada em transmitir os valores judaicos a seus filhos, considerar-se: - „*Fanatische Deutsche*[2] ... e dizer *das ewige Deutschland*[3].

Nur fanatisches Deutschtum kann unser Vaterland rein waschen von der jetzigen Undeutschheit[4] *... “.*

Dizia também ...*ich hab’ es mir nur eben seit dem Umbruch so angewöhnt”*[5].

Klemperer, chocado com o termo *Umbruch* usa suas observações sobre o termo *Fanatisch*[6]. Com essa frase exprime seu desagrado pelo linguajar da germanista:

“*Wissen Sie denn nicht, daß Sie die Sprache unserer Todfeinde sprechen ... und damit Verrat üben gerade an Ihrem Deutschtum? ... Daß wir in unserer bedrängten Isoliertheit eine Sondersprache ausbilden,... auf uns gemünzte Bezeichnungen aus dem nazistischen Lexikon gebrauchen müssen,..., mit Hebraïsmen bemerkbar macht, ... Aber diese Unterwerfung unter die Sprache des Siegers, dieses Siegers*!”[7]

---

[1] Nos “Diários” fica claro que Elsa Glauber, marido e filhos, que são mencionados amiúde, chamam-se Família Hirschel. O bem sucedido e culto comerciante Hirschel fica entre a cruz e a espada ao ser designado como o principal representante da Congregação Israelita junto a Gestapo. Klemperer explica nos “Diários” que para a Gestapo não descobrir sobre quem estava escrevendo, designava com letra anterior ou posterior do alfabeto o nome verdadeiro, antecipando o g de Glauber para disfarçar Hirschel. A partir de 1942 e também 1943 passa a mencionar mais o marido.

[2] Alemã fanática. 'LTI', p.243.Consta do glossário em anexo.

[3] Alemanha eterna. 'LTI', p.243.

[4] Somente alemanismo fanático poderá purificar nossa pátria da “desalemanidade” atual.

[5] Acostumei-me com esses termos somente depois dessa mudança radical. 'LTI', p.243.Consta do glossário em anexo.

[6] “LTI ”, capítulo *IX-Fanatisch*, p. 75.

[7] A senhora não percebe que está falando a linguagem de nossos inimigos mortais ...e está justamente traindo sua própria alemanidade? ...Que em nosso isolamento forçado estamos desenvolvendo linguajar

Klemperer irritadíssimo quase rompe com ela ao dizer-lhe se nem ela, que dominava o idioma profundamente, percebia que empregava a linguagem do vencedor, quem mais poderia perceber. Comenta que *Umbruch*[8] tinha conotação com a expressão *Blut und Boden* de glorificação ao sangue e solo alemães, com a qual o nazismo soube tanto se identificar,

... die Nazis haben das Wort Umbruch übernommen, weil es so schön zu Blut und Boden, zur verherrlichung der Scholle, der Bodenständigkeit paßt, sie haben es so mit dem Zugriff ihrer verseuchten Hände infiziert, daß die nächsten fünfzig Jahre kein anständiger Mensch...[9] "

Ela se retirou chamando-o de purista e intransigente. Difícil pensar que Klemperer tentava visualizar o que poderia ocorrer com a língua alemã cinqüenta anos depois desse fato, considerando-se que hoje ainda é válido o que ele previu àquela época. Vale ainda transcrever seu comentário sobre o trágico fim de Elsa Glauber e família (Hirschel):

von ihr und ihrer gesamten Familie hat man nichts mehr erfahren können: "sie sind von Theresienstadt fortgebracht worden[10] *"*

e seu desejo de denunciar o horror nazista e render-lhe uma homenagem póstuma por sua postura profissional, senso estético e erudição.

Klemperer critica os demais que cometeram o mesmo pecado de fazer uso do linguajar nazista. O jovem Kreidl, batizado protestante, quem quando na vida em comum no *Judenhaus* foi simpatizante do sionismo, para estranhamento do autor, empregava o termo nazista

"*das Volk der Juden*[11] *"*,

como se judeus efetivamente fossem um povo à parte. Outro, judeu russo, sionista de direita, quando reivindicava os direitos do povo empregava o termo "*völkische*

próprio, empregando termos marcados, do léxico nazista, misturados com hebraicismos, ...Mas essa submissão à linguagem do vencedor, deste vencedor!

[8] Aqui, no sentido de surriba, escavação feita na terra para afofá-la.

[9] *Umbruch* foi assumido pelos nazistas, dada sua forma de exaltar o meio rural, adéqua-se à estabilidade do solo. Empestaram o termo de tal forma, que nenhuma pessoa sensata há de querer empregá-lo pelos próximos cinqüenta anos. 'LTI', p.243.Consta do glossário em anexo.

[10] Dela e da família dela não se conseguiu saber mais nada: foram tirados de *Theresienstadt.* (No pós-guerra soube-se que ela e sua família foram exterminados em Auschwitz depois que foram tirados do campo de *Theresienstadt).*

[11] Povo dos judeus. 'LTI', p.243.Consta do glossário em anexo.

Belange[12]". Menciona ainda outro colega de morada, que pela própria LTI deixara de ser dentista para tornar-se

Zahnbehandler (tratador de dentes), como todos os dentistas judeus,

e outro que era médico, passando para *Krankenbehandler* (tratador de doentes).

Esse fora médico militar durante a Primeira Guerra Mundial. Empregava uma terminologia que Goebbels justamente tentava colocar em circulação, como por exemplo,

quantos "*Engpässe*" (impasses) ele tinha dominado e quantas *Krisen gemeistert*[13].

Outro morador judeu, desvinculado de qualquer ligação com o judaísmo, em seu ódio aos alemães, empregava a expressão nazista

"*charakterlich minderwertig*", ou somente "*charakterlich*" (de caráter inferior).

Havia uma diferenciação entre os judeus,

os *Fahrjuden* (autorizados a andar de bonde) e os *Laufjuden* (aqueles que iam a pé).

As condições de higiene na fábrica eram muito precárias. Alguns não se incomodavam e se lavavam lá. Eram os *Waschjuden* (judeus que se lavam), enquanto os demais eram *Saujuden* (judeus que não se lavam, porcos).

Outro morador, médico idoso, externava de maneira estranha sua amargura. Sabia de cor longos trechos de Hitler, quer do *Mein Kampf*, quer dos discursos. Acostumou-se de tal forma a empregá-los, que nem ele mesmo percebia mais que desenvolvia essa imitação. Outro senhor, mais idoso ainda, não suportava essa "brincadeira" e punha-se a gritar

"*Ich dulde nicht, daß unsere Religion diffamiert wird!*[14]"

absolutamente irado, pois estava arrependido de ter estado tão envolvido com o espírito liberal alemão europeu de outrora e não admitia qualquer frase que mencionasse sequer

[12] Interesses nacionalistas. Cf. Dicionário "Porto" significa étnico, nacionalista, racista. *Völkisch* faz parte do linguajar nazista, é 'LTI' por excelência. Muitas das palavras que Klemperer assinala como 'LTI' já perderam essa conotação, como por exemplo *Umbruch*. *Völkisch* certamente não. Talvez nunca perca. 'LTI', p.243.Consta do glossário em anexo.

[13] Quantas crises tinha administrado.

a esperteza judaica. O acirramento entre os dois senhores somente teve fim quando do bombardeio sobre Dresden em 13 de fevereiro de 1945, matando todos os habitantes da casa, com exceção do casal Klemperer.

Como se fosse uma aula, Klemperer parte analisa então a linguagem escrita. Como autores judeus redigiram textos, sob tanto controle? Klemperer cita textos que lera ainda nos anos trinta. Lê em um texto que, no funeral do chefe da comunidade judaica, o orador teria dito "*Unserem Führer Levinstein zum Gedenken*[15]". Como pôde ser empregada a expressão 'nosso *Führer'?* Logo após a Primeira Guerra Mundial houve uma cisão entre judeus alemães e alemães. O Sionismo se espalhava pelo Império. Surgiram editoras e círculos de livros judaicos. Klemperer quer mostrar que foi se estruturando, segundo ele, um setor judaico à parte. Em contrapartida, já nos anos quarenta, quando não havia mais qualquer revista judaica ou discursos judaicos públicos, Klemperer se depara no *Judenhaus* com literatura judaica moderna. Ao estar escrevendo no pós-guerra, demonstra certa expectativa de que esse tema venha a ser estudado por especialistas. "Penso", dizia ele, "que um estudioso da História da Literatura, que pretenda levar em conta a História da Cultura e o momento sociológico reinante, terá de ocupar-se com o material dessas editoras e com o comércio de livros em geral. Havia entre nós um considerável número de publicações não arianas". Para o amigo Steinitz foi um compromisso moral-religioso e cultural manter assinaturas judaicas no entre-guerras. É interessante observar como o autor, até então desinteressado de temas judaicos, retorna ao judaísmo pelo contato com os autores de História Judaica como Dubnov, Prinz, Buber, detendo-se em Arthur Eloesser, seu contemporâneo, que escrevera

"*Vom Getto nach Europa; das Judentum im geistigen Leben des 19. Jahrhunderts, Berlin 1936*[16]".

Klemperer relata seu choque e tristeza com o papel a que os judeus tinham sido reduzidos. Eloesser, por exemplo, tinha escrito a mesma frase que seu primo, o músico Otto Klemperer, já nos EUA, a respeito dos judeus naquela época:

"*We are not wanted anywhere*[17]".

Klemperer comenta que frases do início do nazismo

"Juden unerwünscht"[18] *e "für Juden verboten*[19]"

[14] Não tolero que nossa religião seja difamada!
[15] Em recordação ao nosso *Führer Levinstein*.
[16] Do gueto à Europa; o judaísmo na vida cultural do Século XIX , Berlim, 1936.

não tinham mais razão de ser, pois os judeus em sua grande maioria, não estavam mais lá[20]. Sobre o enterro de Berthold Auerbach em 1882 Klemperer cita Eloesser

"*Aber die Zeit des Dichters ..., die des Liberalismus als Weltanschauung, die des mit ihr hoffende deutschen Juden war unter derselben Scholle begraben*[21]".

Novamente o tapa na cara, LTI pura, pois Eloesser emprega "*der hoffende Jude*" (no singular, judeu alemão esperançoso). Klemperer cita uma série de conceitos literários da época que incitam ao anti-semitismo por meio da 'LTI'. Mudanças radicais significam "*einen starken Umbruch*",

o personagem "*Almansor*" de Heine era um judeu "*getarnt*[22]." Diziam que Heine e Disraëli tinham ouvido o

"*Anruf des Blutes*[23]".

O drama realista moderno tinha "*ausgerichtet*[24]" à sociedade de que ela era culpada pelas relações sociais reinantes.

"*Das Gesetz des Handels*" ou "lei do comércio", expressão de Clausewitz[25] que incitava a matança.

"*Ahnen und Enkel*[26]", de Rudolf Frank, da mesma coleção que "*Vom Getto nach Europa...*" que lera por zelo profissional de crítico literário. Eram judeus que tendo emigrado para a Birmânia, sentem-se saudosos da Alemanha e esquecem até que estão vivendo no exterior, porque, tinham sido expulsos por serem judeus. Não se consideram vítimas do nazismo, mas sim que esse era seu destino.

Dass man aus dem deutschen Paradies vertrieben war, liess sich den Nazis kaum verdenken, da man ja in wesentlichsten Punkten genauso empfand und urteilte wie sie[27].

---

[17] Somos indesejados por toda parte.
[18] Judeus indesejados.
[19] Proibido para judeus.
[20] "Diários", 23.7.1941, p. 387. LTI: "Judeus indesejáveis – proibido para judeus". Em todos os restaurantes, fórmula 1: *de rigueur* mais suave. Fórmula 2: cumprimento rigoroso, ...descumprimento sujeito a penas. ...fórmula 1...desgastou-se. Café *Weinberg*: "Fechado devido à convocação". Taverna ...: "Proibido para judeus".
[21] Mas o tempo do poeta ..., cuja visão de mundo, já não existia mais, pois enterrada na mesma vala e que fora o liberalismo. O termo *Scholle* passou para torrão na 'LTI'.
[22] Camuflado, mascarado.
23 Chamado do sangue.
[24] Transmitido o recado.
[25] Maior estrategista bélico moderno.
[26] Ancestrais e netos.
[27] Quase não se podia censurar os alemães pelo fato de ter sido expulso do paraíso alemão, pois que, em pontos essenciais, sentia-se e julgava-se do mesmo jeito deles..

Frank glorificava uma família judaica que possuía hábitos nazistas. Havia quatro gerações eram artesãos, e escreve:

"*Deine Hand dem Handwerk*"[28]

contrariamente aos judeus, que segundo Hitler eram comerciantes e

Intelligentzbestien[29].

Frank menciona também o cineasta Fred Buchsbaum, que prossegue na profissão na Birmânia e utiliza a saga anti-judaica, que durante séculos disseminou a mentira de que os judeus tinham envenenado poços. Nesse filme o judeu bebe a água que envenenara para purificar-se!

Kann man die Blubodoktrin noch poetischer anerkennen als „und das Wasser der Flüsse und Quellen ging in ihn ein. Es floss durch seine Adern, den Leib und in sein Wesen und Fühlen. ... und neigt sich tief hinab zu der Erde, deren Säfte er in sich getrunken[30]*"?*

E, como em todos os casos mencionados, Klemperer conclui que as pessoas não acreditavam nas mentiras da linguagem do inimigo, que ela não era empregada intencionalmente, mas que todos estavam escravizados por ela. Falava-se a linguagem do vencedor, não impunemente, entretanto ela era até mesmo respirada e ia-se vivendo da forma que ela se impunha, para aqueles que conseguissem sobreviver. Klemperer mostra que até mesmo no *Judenhaus* o casal com quem eles dividiam a cozinha empregam a LTI no cotidiano. Já no pós-guerra, durante a compilação da 'LTI'. Klemperer comenta pesaroso que o emprego de termos nazistas perdurou também entre os jovens, que desconheciam o que fora o recém acabado nacional-socialismo.

[28] Tua mão dedicada ao artesanato.
[29] Bestas da *Intelligentzia.*
[30]Não existe forma mais poética de reconhecer a doutrina de Sangue e Terra do que "e a água dos rios e das fontes penetrou nele. Em seu corpo, suas veias, seu ser e seus sentimentos. ...e verga em direção ao solo, cuja seiva ingerira".